

DEUSAS, BRUXAS E SERPENTES: AS FACES DO FEMININO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Maria Leal CARDOSO

Universidade Federal de Sergipe
analealca@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho faz uma leitura dos mitos relativos ao feminino destacando suas várias ' identidades como: anjos, deusas, bruxas ou serpentes que permeiam a ficção da romancista sergipana Alina Paim. Sua escritura mostra que o repentino 'renascimento do mito no século XX é fruto da ressaca do realismo tradicional e deve-se, em parte, ao novo enfoque apologético do mito como princípio eternamente vivo, proclamado tanto por alguns filósofos da modernidade quanto por Freud e Jung. Encontra-se apoiado nos aportes teórico-metodológicos de Gilbert Durand e suas bases junguianas , eliadianas e campbelianas. Esta última, defende que o mito representa uma forma acabada e complexa daquilo que conhecemos como linguagem simbólica, essencial à existência. Sua verdade, também simbólica, propõe para o mundo, para a vida e para o homem, um sentido que não pode impor nem demonstrar, simplesmente está ali, latente. Campbell segue na esteira de Jung, para quem os arquétipos- feixes de energia que correspondem às experiências típicas dos seres humanos desde o começo do mundo- são a base do processo criador.

Palavras-chave: mito, Deusa, arquétipo, criação, Alina Paim

Introdução

Os estudos do imaginário, defendidos pelo antropólogo francês Gilbert Durand (2002), destacam a importância do mito na vida do homem moderno. Na rasante de um desenvolvimento cultural que nos levou ao impasse do materialismo científico, da destrutividade tecnológica, do niilismo religioso, do empobrecimento espiritual, do apelo ao amor, o mito surge como uma das poucas opções capazes de reconduzir o homem ao centro de si mesmo.

Os mitos tematizam os grandes problemas humanos; funcionam como mapas de configurações típicas de nossas vidas no grupo social, capazes de ajudar a encontrar nossos caminhos através das diferentes crises e transições do ciclo da vida: nascimento, infância, adolescência, vida adulta, velhice e morte. Mais ainda, eles conduzem a

consciência espiritual, ensinam como o homem deve reagir diante de suas decepções, encantamentos, renúncias, fracassos ou sucessos, voltando-se para a própria interioridade captando mensagens simbólicas, discernindo a linguagem por elas expressas, de modo a fortalecer a personalidade. Segundo Stephen Larsen, “os mitos culturais atenderam a vários objetivos vitais (...) ajudaram as transições para as várias etapas do desenvolvimento pessoal e coletivo”(1991, p.2).

Embora os mitos culturais tenham contribuído para que o homem viesse a compreender o significado de sua posição social, situação econômica e imposições éticas, eles fragmentaram-se quando a ciência e a tecnologia produziram meios confiáveis de entender e controlar a natureza; e quando doutrinas religiosas e costumes sociais criaram parâmetros. No entanto, perdurou a necessidade profunda de símbolos e metáforas subjacentes; partes desses mitos pessoais e inconscientes vieram à tona nos sonhos, devaneios, jogos, lapsos verbais, dança, pintura e escrita espontâneos.

A Psicologia Analítica destaca a importância do surgimento dos símbolos, mitos e arquétipos no ato criador. Ao aprofundar seus estudos sobre o inconsciente coletivo — uma descoberta de Freud — Jung (1993) restaurou o significado espiritual das imagens e símbolos, contraindo, assim, princípios gnosiológicos sobre o homem e elucidando alguns fenômenos comportamentais, culturais e artísticos em geral. Uma das preocupações de Jung foi mostrar a relação entre a psicologia e o texto literário, motivando a realidade psíquica em direção à estética com base nas imagens de fantasias elaboradas no inconsciente coletivo, repositório dos mitos.

Na concepção de Jung, a mitologia, longe de ser um simples objeto de curiosidade, é uma tentativa de integração de realidade e experiência. O mito nos permite compreender a nossa existência, pois corresponde ao local arquetípico gerenciador das emoções e sentimentos humanos. Durand, seguindo na esteira de Jung, defende que é o mito, ancestral imediato da ciência, a matéria básica da criação.

A literatura, em todas as suas modalidades, participa da interface do imaginário e do real; é fonte inesgotável em que o homem colhe informações sobre seu passado, penetrando os espaços míticos, desvendando mistérios, criando/recriando mundos outros.

O imaginário artístico expressa a íntima relação do homem com a sua natureza primitiva. Goretti Ribeiro destaca que em meio a essa relação é possível observar

uma identidade com as origens e um certo pensamento e comportamento arcaicos, principalmente no que se refere às funções biológicas, dentre as quais, a sexual (2004, p. 125).

No entender daquela pesquisadora o sexo congrega as mais significativas insatisfações humanas porque, sob os auspícios da civilização e da religião, um ato biológico natural evolui para um uma ação pecaminosa e pornográfica, pois, devido seu teor daimônico, o sexo está repleto de símbolos e, portanto, permeado de mitos.

Através da linguagem metafórica a literatura veicula imagens e símbolos que correspondem ao desejo revestido de encantamento poético, evidenciando o duplo aspecto do Eros, que tanto pode motivar o homem criativo a expressar o êxtase e a contemplação erótica mística quanto pode levá-lo aos labirintos da sexualidade grotesca.

Uma viagem pelos bastidores da história da cultura dá conta dos mistérios relativos à mulher, vinculados à função materna. Graças ao poder feminino gerador da vida (e da morte), foi associada, simbolicamente, à terra, às águas, às cavernas, às árvores, ao sangue e também a certos animais. Terra Mãe, Senhora da vida, Condutora da morte ou simplesmente Mulher, dela emana a força que tanto fascina quanto amedronta o homem, levando-o a reverenciá-la como Grande Deusa, num passado remoto.

Mary Del Priori destaca que entre os séculos XII e XVIII a Igreja identificava, nas mulheres, uma das formas do mal sobre a terra,

Quer na filosofia, quer na moral ou na ética do período, a mulher era considerada um ninho de pecados. Os mistérios da filosofia feminina, ligados aos ciclos da Lua, ao mesmo tempo em que seduziam os homens, os repugnavam. O fluxo menstrual, os odores, o líquido amniótico, as expulsões do parto e as secreções de sua parceira os repetiam (2011, p.35).

Não demorou muito para que o imaginário masculino absorvesse a idéia de tomá-la como traiçoeira e venenosa, aquela que derramou sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte. Assim, em meio a uma atmosfera apocalíptica, os artistas em geral e particularmente os poetas europeus do final do século XIX viam no elemento feminino aspectos do demônio. Dalila, Cleópatra, Salomé, Eva ou Helena (de Tróia), tentadora ou devassa, degoladora ou castradora, todas elas incorporavam os mais variados estereótipos na mente deste ou daquele homem das letras, entendida sempre como o instrumento diabólico do infortúnio masculino. Tomados pelo horror ao

feminino, em suas obras não raro ele aparece em formas fabulosas, tais como vampiro, esfinge, lâmia, bruxas, entre outras; mais ainda — viscosas, venenosas, sanguinolentas.

Este trabalho faz uma leitura dos mitos relativos ao feminino, destacando suas várias identidades como: deusas, bruxas ou serpentes que permeiam a narrativa de *A sombra do patriarca*, da romancista sergipana Alina Paim. Sua escritura mostra que o repentino 'renascimento do mito no século XX é fruto da ressaca do realismo tradicional e deve-se, em parte, ao novo enfoque apologético do mito como princípio eternamente vivo, proclamado tanto por alguns filósofos da modernidade quanto por Freud e Jung. Encontra-se apoiado nos aportes teórico-metodológicos de Gilbert Durand e suas bases junguianas e campbelianas; além dos estudos de gênero defendidos por renomados teóricos da área.

Visando a uma melhor compreensão, o dividimos em dois momentos, a saber: no primeiro analisaremos as personagens femininas jovens, evidenciando que alguns aspectos de suas trajetórias de vida as aproximam do duplo caráter da Deusa Mãe: maléfica e bondosa. No segundo momento, sob a mesma perspectiva, privilegiaremos as personagens femininas maduras; ao final da análise, mostraremos que a escritura de Alina Paim também traz as marcas do bem e do mal, desfiando imagens míticas de serviram de apoio ao homem no decurso de sua história.

Entre deusas, bruxas e serpentes

A segunda metade do século XX testemunhou o aparecimento de diversas obras que sugerem uma ligação com o passado arcaico, relativo à Grande Deusa — a forma feminina da Divindade que dominou a consciência espiritual durante dezenas de milhares de anos. Esse mito apareceu em diversas culturas, voltadas para os mistérios que reverenciam o corpo da deusa: espaço da adoração e fonte de prazer, ligados à Natureza.

A Deusa foi redescoberta pela psicologia profunda como a fonte dos padrões emocionais, dos pensamentos, dos instintos e comportamentos femininos que sobrevivem até hoje no inconsciente coletivo, aguardando o momento certo para irromper (vir à consciência), o que pode acontecer no ato criador, englobando associações com as paixões, desejo, sexualidade e que impelem à união, à coesão social, pertinente às possíveis transformações. Enfim, a Deusa representa a sabedoria presente em cada um de nós.

O romance *A sombra do patriarca* traz a marca da ligação do sujeito feminino com o passado. Raquel, a protagonista, empreende uma viagem rumo às terras da

fazenda Fortaleza, após receber um convite do tio e proprietário desta, para conhecer a família que reside no sertão sergipano. Simbolicamente, esta viagem representa um retorno às origens, portanto, ao mundo primitivo da Deusa Mãe na sua configuração de Gaia (terra). A narrativa enfatiza a ligação da protagonista com a natureza, confirmada pela sua própria fala

A tempestade estava soberba naquela noite. (...) sacudia-me o desejo de viver. A proximidade da terra comunicava-me uma ânsia desconhecida, vontade de ver-me envolvida num grande acontecimento que estremecesse minha vida até as raízes (PAIM, 1950, p. 100).

Esse retorno, que muitas vezes se inscreve como a revisão da infância e de fatos passados, não é exclusividade da literatura de autoria feminina. Contudo, parece ser uma de suas características. A fala de Raquel, uma jovem de 19 anos, denuncia o desejo de mudança, o que corresponde ao seu processo de busca de identidade que culminará com o conhecimento de si mesma, após enfrentar as ‘sombras’ parentais (obstáculos) que se encontram dispersos ao longo da travessia.

A ficção produzida por mulheres quase sempre apresenta personagens femininas subordinadas a limitações impostas pelo seu sexo, num nível mais extremo do que o experimentado pelas próprias escritoras em suas vidas. Todavia, as produções de mulheres não são completamente determinadas pela cultura patriarcal limitadora. Não obstante o fato de viverem uma vida ‘tradicional’, algumas escritoras, assim como Paim, intercalam em suas tramas indícios de uma possibilidade feminina mais livre, que subverte as ideias que os homens têm a respeito do comportamento das mulheres.

Diferentemente das narrativas em que as heroínas são apresentadas como pessoas assoberbadas pelas normas patriarcais, que limitam o desenvolvimento de sua natureza adulta — razão pela qual a personagem muitas vezes decresce, em lugar de crescer —, ao tecer a trama de *A sombra do patriarca* Paim parece ir contra a tradição. Além de criar tipos femininos que vivenciam uma crise de identidade, divididas entre assumirem o custo do rompimento com os padrões aos quais são submetidas ou manterem-se aprisionadas no seu papel social, a autora nos presenteia com Raquel que, embora muito jovem, possui uma maturação psicológica adversa àquelas aprovadas pelo patriarcado. Neste sentido, a obra dessa romancista se inscreve como uma possibilidade de imaginar mundos alternativos, de modo criativo.

A luta da protagonista em direção ao autoconhecimento, através da ruptura com um passado opressor, é entendida, do ponto de vista simbólico, como um retorno ao mundo subterrâneo da Deusa. A viagem rumo à Fortaleza ilustra, simbolicamente, a descida às profundezas, ao inferno, segundo a fala da protagonista “Que viagem horrível, meu Deus! As rodas do carro atolavam a todo instante, na estrada cheia de lama” (PAIM, p. 14). A lama e o lodo pertencem ao mundo da Deusa ctoniana.

O termo deusa, no contexto da nossa análise, se refere não apenas à descrição psicológica de um tipo complexo de personalidade feminina arquetípica que existe em cada mulher, e também nas imagens que estão em toda parte na nossa cultura, mas igualmente às forças interiores capazes de promover significativas transformações em nós. Dentre as muitas faces da Deusa arcaica, portanto do feminino, personificadas pelas mulheres jovens do romance *A sombra do patriarca* destacam-se Athená, Afrodite e Hera, conforme veremos a seguir.

No âmbito da trajetória de Raquel identificamos o seu ‘confinamento’ na fazenda Fortaleza por ocasião de um impaludismo, contraído durante o período em que teve que lá por cerca de 30 dias. Todavia, não demora muito e ela começa a sentir-se mal “Depois de três semanas que passei no quarto da frente, retida na cama (...) surgia em mim a sensação angustiante de estar prisioneira entre aquelas pessoas estranhas” (PAIM, p. 14). Do ponto de vista psicológico, Raquel é mobilizada por uma ânsia de mergulho na natureza e ‘cai’ nas armadilhas do inconsciente “estávamos naquele labirinto, vigiadas pelas malhas de uma armadilha” (PAIM, p. 69). Era preciso conhecer um pouco mais sobre o lugar e as pessoas daquela casa “Minha curiosidade estava aguçada. Crescia em mim o desejo de saber tudo antes de partir, de aprofundar um pouco o meu conhecimento daquelas vidas”(PAIM, p. 35).

A prisão da protagonista na fazenda corresponde ao confinamento no mundo do pai, o que contribui para que ela conheça a forma como seu Tio, o velho patriarca, trata as mulheres da casa grande; alguma coisa naquele homem causava-lhe repulsa, levando-a a lutar contra ele. Essa luta corresponde à experiência arquetípica de identidade com a deusa Athená, a consciência sociopolítica e intelectual do feminino proveniente do animus — a porção masculina na psique feminina.

Desse modo, a personagem interpreta as ‘dicas’ da deusa, pondo em prática a sua liderança e capacidade de decisão, o que representa uma ameaça para o mundo patriarcal. À medida que Raquel vai se inteirando da forma repulsiva com que o tio trata a todos, vai adquirindo mais coragem para lutar contra aquele cujo poder “se estendia

até muito longe (...) , e como a sombra de um patriarca, abrangia muitas vidas” (PAIM, p.15).

Essa faceta de ‘coragem’ que integra a personalidade de Raquel contribui para que ela saia em defesa de Leonor, a prima mais velha, que sonhava estudar medicina na capital, mas o tio proibia-lhe de realizar tal sonho “Tio Ramiro, a mulher pode competir pode competir com o homem e vencer em qualquer coisa para tenha vocação. Pode ser médica, advogada e até engenheira, apesar das dúvidas de muitos homens” (PAIM, p.46). Assim, a protagonista encontra uma ‘aliada’ “Leonor e eu éramos aliadas, tínhamos a unir-nos a vontade de escapar da sombra do patriarca, o desejo de quebrar essa sequência de orgulho e submissão” (PAIM, p. 70).

A personagem Raquel está associada também à deusa Afrodite. Segundo a psicóloga junguiana Ginette Paris,

Afrodite, a deusa mais sexual, nasceu das espumas do mar. Se acreditamos que todo ser humano tem, oculto em suas próprias células, não só a memória de sua própria vida intra-uterina, mas também a memória inconsciente da origem de toda a vida, nas profundezas do oceano, poderemos perceber também quanto a sexualidade estimula esta fantasia. (...) Afrodite representa preferência pelo par e por todos os dualismos relativos à reprodução: a fêmea que atrai o macho, a mulher aquática que acende o fogo das paixões (...) ela revitaliza a tensão entre os opostos, mas permite a união entre eles: natureza e cultura, corpo e espírito, céu e oceano, mulher e homem (1994, p. 27,28).

O convívio com prima Leonor trouxe-lhe uma nova descoberta “Não sei por que sinto uma simpatia grande por Oliveira” (PAIM, p. 54). O rapaz, pai de Leonor, era, segundo a própria filha, “carinhoso, sei que ele é bom de verdade. (...) mãe o despreza e Anita aprendeu a olhar pelas lentes que ela coloca em seus olhos” (PAIM, p.53). Raquel logo percebe que aquele homem, cuja “vida de fracassos sucessivos devia ter-lhe impresso na alma a sua marca” (PAIM, p.60).

A caminho da vila de Santa Clara, Raquel admite um forte sentimento por aquele homem de cabelos grisalhos “Senti o desejo de lhe tocar o ombro, dizer qualquer coisa amável, demonstrando-lhe minha simpatia” (PAIM, p.72). A personagem, numa perfeita demonstração de integração com Afrodite, experiencia o corpo como o lugar do prazer e, indiferentemente às normas sociais, assume seu romance com o marido da tia, demonstrando ser dona de suas próprias escolhas. Os dois pólos do mito de Afrodite são

assim simbolizados: sendo ‘oceânica’, ela traz de volta a consciência arcaica do corpo, a inundação da energia corpórea; sendo celestial, ela abre os portais do céu.

Anita, a filha mais nova de Oliveira, personifica Hera, a Senhora do lar e protetora do casamento. Possuidora de uma visão bastante patriarcal, para quem “A mulher sem alguém que a sustente nas dificuldades, sem um punho forte que a domine, não pode ser feliz. Ela foi feita para obedecer” (PAIM, p.39). A narrativa destaca que Anita, não obstante sua tenra idade, queria “um casamento com um diplomata, com um homem elegante que fale muitas línguas (...) assim será tudo dentro da ordem, (...) desejo me ver unida a um homem educado” (PAIM, p.94). Diferentemente de Afrodite, Hera personifica a união pelo casamento, visando à reprodução e segurança da família. Pela mostra dos mitos aqui encerrados percebe-se, na narrativa paimiana, que à medida em que nossos valores e comportamentos se modificam, em que emergimos de um mito para ingressar em outro, também mudamos nossa visão de mundo.

No que diz respeito às personagens maduras, destacamos primeiramente Tereza, filha do velho ‘patriarca’ e mãe de Leonor, Anita e Abelardo, cuja conduta traiçoeira, escorregadia, assemelha-se a de uma serpente. Tendo ela interesse que o filho Abelardo viesse a herdar as terras do avô, trata logo de prepara o menino “escute, Abelardo, desde pequeno você vem mostrando inclinação. Já esqueceu o canteiro do jardim onde fazia suas plantações?” (PIM, p.30). Dissimulada, ensina o menino a mentir, reafirmando a sua ambição “— E como devo contar a vovô, mamãe?”(PAIM, p.30), ao que ela responde “— Que você soube que ele ia comprar um terreno do outro lado do rio e não consegue dormir no sentido de levantar cedo para acompanhá-lo”(PAIM, p. 30). A narrativa reitera a conduta vil de Tereza

Era autoritária, tentava dobrar todas as pessoas em torno de si, até o próprio marido, e queria passas por uma criatura mansa e cordata, pregando justamente o contrario do que fazia”(PAIM, p.39).

No espaço em que se encontrava Tereza à espera do filho impera a imagem do réptil, como que a denunciá-la “O céu azul estava sujo, um fumo negro emporcalhava o espaço como golfadas de baba peçonhenta” (PAIM, p.79). A serpente é um dos atributos da Deusa Mãe no que diz respeito ao seu aspecto negativo, seu veneno está associado à vida e á morte.

Igualmente associada ao mito da serpente está Donana, irmã de Ramiro e avó de Raquel, cuja história de vida é revelada pela voz da tia Celina. De acordo com suas palavras

Donana sempre soube ser amiga na hora difícil. Era uma mulher resoluto, ninguém conseguia dobrá-la quando ela estava com a razão. Em seu corpo franzino carregava a energia de muitos homens, Você deve ter orgulho de ser sua neta, Raquel (...) era a mais forte, a mulher que não temeu privações nem trabalho para viver sempre de cabeça erguida. Soube defender sua independência para conservar o direito de dizer o que pensava (PAIM, p.242, 246).

Do ponto de vista do patriarcado, a atitude Transgressora de Donana aproxima-a do mito de Lilith, primeira mulher de Adão, monstro feminino associado à serpente das trevas, que não aceitando ficar por baixo no ato sexual, ela foge e vai morar com os demônios. Deus a traz de volta, ordenando que seja obediente ao marido. Mas Lilith recusa. Sua qualidade essencial é ser “ora deusa, ora demônio, ora tentadora, ora assassina (SACURETI, 1985, p.84). Assim como a serpente do Genesis e Litith, Donana também desafia as normas vigentes, não se deixa dobrar pelo irmão, o patriarca. Não obstante o fato de estar viúva, decide trabalhar para criar os oito filhos, desprezando a ajuda do irmão, pois tinha certeza que lhe cobraria um preço alto, no futuro.

Considerações finais

A literatura desvela o mito, espaço onde se refletem as relações entre o pensamento coletivo e o pensamento individual. Em *A sombra do patriarca*, Paim mostra que a criatividade feminina encontra-se ainda ligada à Deusa da terra e do Cosmo. Sua obra reitera a idéia da reemergência da consciência da Deusa na vida das mulheres ativas e corajosas como Raquel, cuja luta corresponde às lutas de todas nós. A dissimulação de Tereza, a transgressão de Donana e a obediência de Anita compõem as múltiplas faces da Deusa, aspectos do todo Feminino. Neste sentido, a família ganha destaque na obra de Paim, no sentido em que mostra as diferentes identidades dos membros que a compõem.

Concluindo, destacamos que a deusa arcaica está emergindo da sombra do passado — no mito, na psique e nas artes — para nos ensinar que, para além do preconceito e da discriminação expressa pelos ‘donatários do mundo’, o feminino faz

parte da inteireza do ser, isto é, que o homem e a mulher são partes complementares no contexto da existência humana. Essa leitura das 'faces' do feminino na ficção de Alina Paim mostra, portanto, que sua literatura é uma forma de engajamento manifestada, também, como meio objetivo de interferir na coletividade; uma tomada de posição refletida, no sentido de pertencer ao mundo e de contribuir para mudá-lo.

Referências bibliográficas

- BARROS, M. N. A. *As deusas, as bruxas e a Igreja*. Rio de Janeiro> Editora Rosa dos Tempos, 2001.
- CAMPBELL, J. *Mitos, sonhos e religião*. Tradução Angela Lobo de Andrade e bali Lobo de Andrade. São Paulo: Ediouro, 2001.
- CARDOSO, Ana Maria Leal. *Uma leitura feminista da narrativa de Alina Paim*. In: Antonio de Pádua Dias da Silva. (Org.). *Gênero em questão*. 1 ed. Campina Grande:
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- EISENDRATH, P.Y. *Bruxas e heróis*. Tradução Carlos Eugenio Macedo se Moura. São Paulo: Summus, 1995.
- JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- LARSEN, Stephen. *Imaginação mítica*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.
- ORSINI, M. D. *A mulher que eles chamam de fatal*. Tradução Ana Maria Shere. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- PAIM, A. *A sombra do patriarca*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.
- PARIS, G. *Meditações pagãs*. Tradução Sonia Maria cauby Labate. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PRIORE, M. D. *Histórias íntimas*. São Paulo: Editora Planeta, 2011.
- RIBEIRO, M. G. *Eros daimonizado na literatura de Hermilo Borba Filho* In: Antonio de Pádua Dias da Silva (org.). *Literatura e estudos culturais*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.
- SACURETI, R. *Lilith: A lua negra*. Tradução Norma teles e Adolfo gordo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.